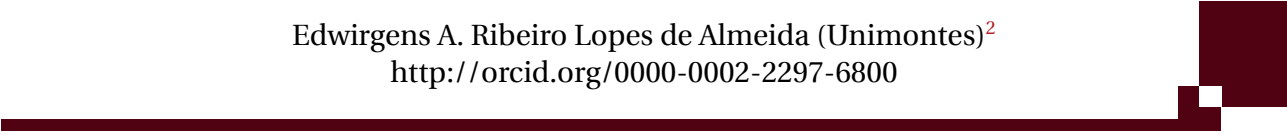


LÚCIA MIGUEL PEREIRA: OLHAR FEMININO OU FEMINISTA¹?

LÚCIA MIGUEL PEREIRA: FEMININE OR FEMINIST PERSPECTIVE?

Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida (Unimontes)²
<http://orcid.org/0000-0002-2297-6800>



RESUMO

Lúcia Miguel Pereira é uma escritora conhecida por sua atuação no mundo das letras. Porém, o reconhecimento se deu por seu trabalho como crítica literária nas primeiras décadas do século XX, sendo que, além de crítica, ela possui um acervo significativo de quatro romances e quatro contos infantis, bem como alguns textos biográficos. O pensamento exposto nos primeiros trabalhos evidencia uma visão conservadora, espiritualista, a partir da qual é possível perceber ideias que caminham em uma direção de extrema-direita, atuante nos anos 1930. Assim, ainda que seja frequente o questionamento sobre o lugar social da mulher naquele contexto, em sua prosa de ficção, notamos certa contradição ao colocar em discussão o movimento feminista, incipiente naqueles tempos.

Palavras-chave: mulher; feminismo; crítica; década de 1930.

ABSTRACT

Lúcia Miguel Pereira is a famous writer known for her work in the world of letters. However, she had recognition as a literary critic in the first decades of the twentieth century and in addition to that, she has a significant collection of four novels, four children's short stories as well as some biographical texts. The thinking exposed in her first works shows a conservative, spiritualist vision where ideas that lead to the right-wing extremist direction active in the 1930s can be perceived. Although she frequently questions the woman's social role in that context in her fictional prose, we can notice a certain contradiction when discussing the feminist movement which was incipient at that time.

Keywords: Woman; Feminism; Criticism; 1930's.

¹ Para uma leitura mais criteriosa sobre a ficção de Lúcia Miguel Pereira, ver este texto completo em ALMEIDA, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de. *O legado ficcional de Lúcia Miguel Pereira – escritos da tradição*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2011.

² Doutorado em Literatura/UNB e em Literatura espanhola e hispano-americana/USP. Pós-doutorado em Literatura Brasileira/UFMG. Docente do Departamento de Comunicação e Letras e do PPGL/Unimontes. E-mail: edwrigensletras@gmail.com.

Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência (SEVCENKO, 2003)

O século XX é conhecido como o período em que as mulheres se empenham em movimentos organizados contra as formas hierárquicas e excludentes impostas pelo domínio do homem. As primeiras décadas foram marcadas por algumas transformações importantes que apontam o surgimento de uma cultura urbana, calcada em uma incipiente classe média e, ainda, uma também nascente classe operária.

Com o desaparecimento do Partido Republicano Feminino nos últimos anos da primeira década do século XX, Bertha Lutz³ começa a organizar o embrião da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), que viria a se transformar na maior expressão do feminismo da época. Ao lado de Jerônima Mesquita, Ana Amélia Carneiro de Mendonça e Maria Eugênia Celso, Bertha Lutz leva adiante a mais importante e conhecida organização em defesa dos direitos da mulher do período. Interessante assinalar, conforme Céli Regina Jardim Pinto, que “Bertha lutava pelos direitos negados pelo Estado brasileiro à mulher, mas ao mesmo tempo era representante desse mesmo Estado em conferências internacionais” (PINTO, 2003, p. 23). Sob os respaldos de serem integrantes da elite, esse grupo chamado de núcleo duro da FBPF, desafiou os moldes da época escrevendo, publicando e lutando por direitos políticos por meio da pressão junto aos poderes constituídos, no caso deputados e senadores. O movimento se organizou e não diminuiu suas atividades até que, com o golpe de 1937, perdeu completamente seu espaço e calou toda a movimentação.

A luta das mulheres cultas e das classes dominantes se estruturava a partir da luta pelo voto, era, em suma, “um feminismo bem-comportado, na medida em que agia no limite da pressão intraclasse, não buscando agregar nenhum tipo de tema que pudesse pôr em xeque as bases da organização das relações patriarcais” (PINTO, 2003, p. 26). Tendo em vista esse lugar de destaque de algumas mulheres, vimos emergir nesse cenário de embates acerca do lugar social feminino a crítica e ficcionista Lúcia Miguel Pereira. Integrante de uma elite burguesa e intelectual, embora autodidata, Lúcia Miguel teve grande destaque no mundo das letras nos primeiros cinquenta anos do século XX. Crítica literária, biógrafa, romancista, tradutora e autora de livros infantis, alcançou reconhecimento em seu trabalho crítico ficando sua produção literária legada ao esquecimento. Nos

³ “Bertha Lutz, filha de um dos mais importantes cientistas brasileiros de seu tempo, Adolfo Lutz, teve uma condição muito específica, que definiu sua trajetória: a de pertencer a duas elites ao mesmo tempo, a econômica e a intelectual. Estudou em Paris, no Brasil, passou em concurso público para bióloga no Museu Nacional. Em 1934, forma-se em direito, tendo grande atuação também nessa área. Temos aqui três condições excepcionais e fundamentais na construção dessa liderança: condições econômicas – só os mais abastados poderiam sustentar uma filha em Paris – condições culturais dos pais – que permitiram essa trajetória tão rara a uma mulher brasileira – e finalmente a atuação profissional, também rara, de uma cientista no serviço público da época” (PINTO, 2003, p. 21-22).

romances *Maria Luiza* (1933), *Em surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra-cega* (1954), tem o mérito de retratar a complexidade da psicologia humana e a batalha da mulher na conquista da própria liberdade (PEREIRA, 2006). Nos contos infantis, enveredou-se pelo universo mágico quando escreveu, entre 1939 e 1943, *A fada menina*, *Na floresta mágica*, *Maria e seus bonecos* e *A filha do Rio Verde*. Neles, além de se centrar nas problemáticas do mundo das crianças, podemos notar preocupação com a educação destinada aos pequenos, sobretudo em se tratando da menina/mulher.

Escrevendo para importantes jornais e revistas, por volta da década de 1930, temos a expressão de uma intelectual católica, espiritualista, de algum modo, contrária a uma abordagem materialista. Nos quatro romances, é entrevista uma relevante representação intimista da reação feminina contra a dominação e exclusão que marcou a trajetória da mulher no Brasil. Contatamos ainda, nos seus escritos, com os relatos de anseios e ambições femininas sem perder de vista certo conservadorismo. Tomando de empréstimo o termo de Sandra Harding (1993), algumas personagens de Lúcia Miguel demonstram “consciência domesticada” emanada das prescrições patriarcais em que se viram formadas nas quais se sobrepõem o medo, a preocupação de não lesar os direitos já conquistados pela mulher.

Sob tal perspectiva, as narrativas são, exclusivamente, protagonizadas por mulheres que buscam a realização pessoal refletindo sobre o seu lugar em uma perspectiva tanto tradicional quanto moderna. Procedendo dessa forma, essa reflexão existencial das personagens acarreta uma angústia feminina diante de transformações no cotidiano da mulher, aspectos que as levam a negociarem com seus parceiros ou com a sociedade, de modo geral, a sua liberdade, a sua realização pessoal.

Reconhecendo que o momento de concepção da obra de Lúcia Miguel Pereira é marcado pela supremacia do discurso masculino e que a atuação das mulheres na vida pública é bastante restrita, Patrícia da Silva Cardoso (2006) esclarece que o discurso ora contraditório da autora surpreende por transpor e evidenciar barreiras, sobretudo ideológicas. Em suas narrativas, a romancista constrói o cenário em que imaginação e realidade ficcional revelam a tênue ligação entre tradição literária e história social. Essas personagens femininas, em uma relação de alteridade com a própria autora, ora destoam ou se aproximam do discurso pessoal da escritora; ora se apresentam inseridas em diferentes grupos sociais dotados de uma ideologia tradicional que as reduzem a um ser marginal revelando certo conservadorismo; ora se revelam instigadas pelo sentimento de transformação e de luta. Mesmo trazendo para os seus escritos as marcas da tradição, Lúcia Miguel Pereira revela o anseio de transformação instaurado no papel social da ficção, o que nos faz perceber seu olhar atento sobre o feminino e, sobretudo, sobre o movimento feminista.

Nesse sentido, Lúcia Miguel se nega feminista, mas manifesta em sua prosa de ficção essa tendência do “feminismo bem-comportado”, termo utilizado por Céli Regina Jardim Pinto. Como comenta Márcia Cavendish Wanderley, a escritora, negando a caracterização de feminista, vê o feminismo como “um movimento que deveria incentivar o cumprimento de deveres que, inevitavelmente, são responsabilidade da mulher diante da sociedade”

(WANDERLEY, 1999, p. 78). Em artigo escrito para a revista *Anhembi*, já na década de 1950, a autora vem ratificar o seu posicionamento sobre o movimento:

Não sou feminista, nunca o fui, e já agora nem caberia sê-lo, que não resta muito a reivindicar, mas força é reconhecer que tinha razão Virgínia Woolf, quando em *A room of one's own*, reputava o mundo da cultura um mundo masculino, do qual se viam excluídas as mulheres (PEREIRA, 1954, p. 24).

Interessante observar que, no trecho acima, Lúcia Miguel admite os distintos tratamentos atribuídos ao homem e à mulher quando se refere às observações da feminista inglesa Virgínia Woolf (1985) no ensaio publicado em outubro de 1929. Nesse texto, em uma tradução possível comercializada no Brasil, intitulada *Um teto todo seu*, Woolf disserta sobre as condições que a mulher enfrenta no mundo da escrita, refletindo sobre elas serem reféns de um sistema de aprisionamento ao mesmo tempo que, vencendo sérias dificuldades, gestam novos escritos, novos romances, novas gerações. Nessa perspectiva, Woolf (1985) empreende um olhar sinuoso sobre como seria diferente se essas mulheres tivessem apoio e liberdade em suas vidas tanto pessoais quanto sociais, o que estimula muitas mulheres de seu tempo a rever posturas e posicionamentos, sobretudo no universo das letras.

No caso do pensamento de Lúcia Miguel Pereira, é sabido que ela mantém um posicionamento bastante conservador, muitas vezes, portador de discurso falocêntrico, tanto em seus primeiros escritos críticos quanto nos de ficção, o que justifica a afirmação acima de “não restar muito a reivindicar”. Também vale ressaltar que Lúcia era integrante de uma elite culta que, de certo modo, possuía alguns privilégios como o de estudar, ter uma profissão, atuar no espaço público. Para Cristina Ferreira Pinto (1990), esse feminismo praticado pela elite não reivindicava muitas mudanças nas relações familiares. Para elas, o voto e o título universitário não impediriam que uma mulher realizasse seus deveres do lar. É com margem nesse pensamento que segue o de Lúcia Miguel em seus artigos e, curiosamente, nos romances de ficção em que a preocupação da desestabilização nas relações de gêneros parece desembocar nas relações de classe.

Esclarecendo as variações e as pluralidades do termo feminismo, Michelle Perrot explica que “em sentido muito amplo, ‘feminismo, feministas’ designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos” (PERROT, 2007, p. 154). A partir das explicações de Perrot, pode-se entender que é coerente a negação de ser feminista dada por Lúcia Miguel Pereira, já que, no plano da ficção, embora suas personagens femininas aspirem algumas mudanças em seus cotidianos, não finalizam as narrativas completamente realizadas como mulheres. Tendo em vista ainda o discurso conservador em que foram construídos os romances de Lúcia, é possível nos reportar ao seguimento da questão levantada por Michelle Perrot quando define, “o feminismo nem sempre goza de boa reputação. Muitas mulheres se defendem, como se esse fosse uma ruga no rosto: ‘Eu não sou feminista, mas’” (PERROT, 2007, p. 153).

No contexto da década de 1930 em que foram escritas as três primeiras obras, nós nos deparamos com uma política centralizadora que censurava e perseguia movimentos como o feminismo, o anarquismo e o comunismo, mormente porque esses dois últimos eram de esquerda. Ademais, vimos reiterando o quão é condizente com o discurso predominante os escritos de Lúcia Miguel Pereira, por apresentar mulheres que almejam mudanças, no seu íntimo, mas não são capazes de grandes transformações, daí ser bem coerente a negação de ser feminista dessa escritora. Em função da própria condição social imposta à mulher em uma sociedade semipatriarcal, os romances apresentam algumas contradições ou críticas como a negação da educação religiosa, do casamento como forma de subordinação e a preferência pelas relações livres.

A movimentação feminina em favor da liberdade de expressão e de informação deparava-se com o argumento de que a mulher, sem possuir independência econômica em relação ao marido, não podia formar sua própria opinião. Em decorrência desse pensamento é que a mãe da protagonista de *Amanhecer* mantém relações de aparência, de restrição e de recato no âmbito feminino, conservando seu casamento apenas por dependências econômicas em relação ao marido, sendo, pois, uma situação bastante criticada e repudiada por Maria Aparecida. Nessa e nas outras tramas, a autora Lúcia Miguel Pereira pinta esse espírito da época; ao passo que acolhe certas transformações, demonstra receio da perda de alguns valores tradicionais.

Assim, compondo um limitado e estrito grupo de mulheres, sobretudo de uma classe média urbana e culta que, muitas vezes foi vítima de vários tipos de preconceitos, essas mulheres atuantes no mundo das letras fizeram da escrita a forma de propagação de seus ideais. Foi nos jornais, na literatura, na crítica que conclamaram a formação de uma opinião pública a seu favor. No caso de Lúcia Miguel Pereira, ingressando no ambiente literário e intelectual, permite ao público o contato com a escrita nessas várias vertentes. É como crítica que recebe maior reconhecimento do público, sobretudo escrevendo para jornais e revistas católicas, locais em que podemos notar a maior parte de suas manifestações da tradição.

Para *A Ordem*, em 1933, no artigo intitulado “O perigo do Feminismo” registra que restrições devem ser feitas a esse tipo de luta, salvaguardando as áreas intocáveis do universo feminino, “que a autora deseja ver preservadas em nome de um objetivo mais alto: a preservação da harmonia e da ordem sociais”, assegura Márcia Cavendish (WANDERLEY, 1999, p. 76). Nas quatro narrativas de ficção, Lúcia Miguel deixa entrever que essa ordem social, de ares tradicionais, pode, muitas vezes, ser mantida valendo-se inclusive da aparência, da hipocrisia no trato com as condutas estabelecidas pelas normas patriarcais, mormente religiosas. Esse mecanismo adotado pela mulher para preservar alguns privilégios é observado na obra *Maria Luísa*, na qual a protagonista homônima percebe a necessidade da preservação de valores religiosos, mesmo sem muita crença neles.

No texto citado acima, Wanderley observa que, embora festejando a conquista política feminina do direito ao voto – que, para Lúcia, “implica em deveres aos quais não fugirá a mulher, pois possui a clara e simples compreensão de sua missão forjada em séculos de

dedicação, de paciência, de humildes labores e ignorados heroísmos” –, Pereira parece mais interessada em enfatizar as características da mulher. Wanderley destaca ainda o trecho em que Lúcia Pereira elege como atributos definidores da mulher a ingenuidade e a pureza, fatores que, ao ver da crítica e ficcionista, são elementos capazes de nutrir a ordem na nação. São palavras de Lúcia Miguel Pereira, selecionadas por Márcia C. Wanderley:

Basta voltar os olhos para trás, olhar para a nossa história, não a história dos compêndios, mas a história sem histórias, a lenta formação da nacionalidade para ver de que são capazes as mulheres. Foram elas, foi a sua fé um pouco ingênua, foi a sua ingenuidade, a sua honestidade pura, que deram ao Brasil o único cunho realmente forte que tem – a sua robusta organização familiar (WANDERLEY, 1999, p. 76).

Para Wanderley, a autora idealiza os conceitos de mulher, família e pátria. Ademais, vai

[...] mais longe em seus equívocos ao desenvolver a ideia de que a violência é atributo masculino e de que a predominância de sua ação no campo social é a única responsável pela existência dos conflitos nessa área, e de que apenas a entrada da mulher neste cenário contribuirá para que se atenuem os conflitos... (WANDERLEY, 1999, p. 76).

Pelo exposto acima, vê-se a acentuada religiosidade, seja pela criticidade, seja pelo seguimento às regras que sustentam seus textos críticos e ainda, enreda suas narrativas de ficção. Nos romances escritos na década de 1930, *Maria Luísa*, *Em Surdina* e *Amanhecer*, fica patente tal preocupação com os valores positivistas no que se refere à construção das personalidades femininas, principalmente nos dois primeiros, escritos em 1933. Essa influência católica sobre os escritos de ficção vai se dissipando muito sutilmente, sem que ela os perca totalmente de vista até a concepção de *Cabra-Cega*, já nos anos 1950.

Reforçando a tese de que as transformações ocorridas no espírito feminino são a verdadeira origem dos conflitos atravessados pela época, Lúcia condena o aproveitamento do sexo feminino no serviço militar e, ao ver de Márcia Wanderley, transforma a mulher de doce e promotora da paz em monstro primitivo dotado da violência, um defeito humano. Destaca Márcia Wanderley a explanação de Lúcia Miguel:

Aproveitar a mulher para preparar a guerra, embora como enfermeira, é desvirtuar o seu papel. Que se preste quando se desencadeia a tormenta, nada mais natural. Mas em paz, educá-la para a guerra, familiarizá-la com essa perspectiva, é quase um crime. Pelo menos uma imprudência de incalculáveis consequências. Nada corrompe e desmoraliza como o hábito. Por isso é mister conservar carinhosamente o seu horror às armas. Mais primitiva que o homem, porque menos intelectualizada, ela será um monstro no dia em que se lhes despertarem os apetites de violência. Convulsionará ainda mais o mundo (WANDERLEY, 1999, p. 77).

O longo trecho revela o quão paradoxal e complexo se torna o estudo das ideologias que enredam o tecido ficcional dessa autora. Investida das funções de crítica e ficcionista, ela, de certo modo, questiona as ações da mulher fora do ambiente doméstico. Nesse

sentido, algumas proposições serão encontradas em seus textos que compactuam com o pensamento do movimento feminista. Assim, a partir de uma irônica postura, suas personagens criticam, em grande medida, as ideias e as práticas falocêntricas e patriarcais. Pode-se ver, em uma leitura de suas obras de ficção, exceto em *Amanhecer*, que os homens – como maridos, pais e irmãos – temem essa liberdade feminina, o pertencimento da mulher a um espaço e práticas antes permitidas apenas aos homens.

De acordo com Céli Regina Jardim Pinto, havia outras condições que sopravam muitas mulheres em direções contrárias àquelas pretendidas pelo movimento feminista: “o mundo agrário e reacionário dos homens, a quase clausura das mulheres envolvidas com trabalhos caseiros no mundo do privado, a alta religiosidade das pessoas, principalmente das mulheres” (PINTO, 2003, p. 33). Embora vivesse inserida no ambiente culto, urbano, conhecedora e praticante das letras, possivelmente, a orientação religiosa da autora, nesses primeiros registros, faz brotar a tensão decorrente da necessidade de mudanças *versus* a preservação de determinados privilégios. A partir da leitura de sua crítica, nota-se também que, porventura, o alimento de sua prosa advém da aceitação ou negação das ideologias do contexto, mantendo amplo diálogo com aquela.

Se a revolução sexual impulsionada pela doutrina freudiana fomentou marcas evidentes na sociedade da época, convém reiterar que tal desagregação proporcionada salta às páginas da ficção intimista pereiriana, decantando-se em um processo que beira às inquietações do movimento feminista. Os argumentos freudianos parecem aparecer de maneira mais intensa nos livros de Lúcia Miguel, principalmente quando exprimem, incisivamente, que uma mulher traz as marcas de sua educação. Com base na visão de Freud, o narcisismo, a passividade, a falta de criatividade, a sociabilidade inferior, a vaidade, a fraqueza moral feminina, tudo são resultados necessários de sua formação como mulher.

Ainda a partir de Freud, as mulheres são inferiores e essa inferioridade se manifesta no físico, no ideológico e nas práticas sociais de modo a justificar a servidão e a submissão ao homem. Ora, o cotidiano das personagens femininas que transitam pela trama romanesca pereiriana é recheado pela incongruência entre o juízo levantado e o compromisso da prática subserviente. A grande inquietação da personagem Maria Luísa reside em acreditar-se capaz, mas não poder mudar seus costumes em virtude do bom funcionamento da família. Já na obra *Em Surdina*, Cecília, assim como Maria Luísa, abdica de cuidar de sua vida pessoal para cuidar da vida do pai e da sobrinha. Assim, veremos que, no discurso ficcional, a mulher é força a ceder ao poder limitador do homem e aos ditames da tradição. Nesse sentido, elas são convidadas mais à renúncia que à ação.

Sem negar o pertencimento a uma classe, Lúcia Miguel surge como pioneira no exercício da crítica feita por mulheres no Brasil e inscreve, em suas personagens, personalidades de elite burguesa e intelectual, próprias da vida urbana de sua contemporaneidade. Com exceção da figura principal de *Amanhecer*, Maria Aparecida, que reside em um povoado no interior, todas as mulheres das narrativas buscam superar as circunstâncias do mundo urbano e burguês.

Com isso em vista, percebe-se que o eixo central do legado romanesco abraça as questões, as ideologias dos “ismos” de seu tempo, mas revela um discurso paradoxal quando materializa o confronto entre a mudança e a permanência. Discutindo as tensões sociais do Brasil urbano na *Belle Époque*, Nicolau Sevcenko (2003), em trecho citado na epígrafe desta discussão, atesta que a literatura moderna deve traduzir mais um anseio de mudança do que de permanência. Contraditoriamente, o que emana dos romances em estudo é a aflição feminina decorrente desse momento de transição, bem como das ideologias que os faz surgir, e exhibe, de certo modo, o anseio da transformação. A mulher pretende a mudança e, quando chega a concretizá-la, nem sempre alcança a sua plena realização, muitas vezes, mantendo a sua sujeição ao homem.

Não podemos afirmar que Lúcia Miguel Pereira seja feminista, sobretudo porque sua ficção apresenta um viés bastante conservador dos princípios patriarcais vigentes nos tempos de sua composição, evidenciando as desagregações decorrentes dos movimentos do final do século XIX e princípio do XX, bem como o mal-estar moral por que passa a sociedade. Porém, pode-se notar que possui traços de comum acordo com a chamada versão bem-comportada do movimento, ao passo que algumas de suas criações buscam, sem mexer com a posição do homem ou com os privilégios burgueses, ser incluídas como cidadãs, visando ao bom andamento da sociedade. Maria Luísa vive a sua posição de elite econômica e intelectual, sem afrontar os poderes, mas ao buscar neles apoio, revela uma mulher que, apesar de dirigir sua própria vida, ainda está inserida no processo de tal forma que sua conclusão é deixar seus desejos em função da coletividade da família.

Se as marcas dos vários “ismos” no legado de Lúcia Miguel se dão de forma bem sutil, vale citar também como, com a mesma suavidade, a autora passeia pelos ideários anarquistas. Procurando, a bem da verdade, demonstrar a nocividade da bandeira desse movimento, destruidor dos lares que se preocupa, em especial, com a emancipação feminina, o amor livre, o fim do casamento monogâmico e contratual, o divórcio, o direito à maternidade consciente. Para Margareth Rago (2007, p. 46-47), “a questão da emancipação das mulheres através de sua libertação econômica e cultural foi reforçada no amplo debate que os anarquistas travaram, ao criticar as instituições burguesas e patriarcais”. Essa crítica às instituições burguesas e patriarcais, principalmente ao casamento, ao amor livre, é que Lúcia vai desafiando ao longo dos romances literários.

Sobre o anarquismo, continua Margareth Rago (2007, p. 47), “a luta pela independência feminina era, nesse registro, primeiramente uma questão moral: trata-se de libertar-se da imposição do modelo burguês de feminilidade e de construir uma nova figura de mulher”. Enredando na problemática familiar, Pereira põe em cena, nas obras *Em Surdina* e *Amanhecer*, o receio do pai tradicional pela inserção da mulher nas relações de trabalho, portanto, na esfera pública. Em *Amanhecer*, é posto em relevo o espanto da interiorana Maria Aparecida diante do aborto e dos amores livres de Sônia. Nas quatro narrativas, a mulher luta consigo mesma e com a família a fim de se revestir de uma nova roupagem, seja pelo trabalho, seja pela leitura, mas não sem sofrer censuras e restrições.

Sem negar a influência desses na vida social e na produção intelectual do momento, depreende-se do acervo literário de Lúcia Miguel certa resistência aos movimentos feminista e anarquista: este se constituía como um movimento libertário; já aquele, vale anotar que, nesse primeiro momento, o propósito almejado era fazer ouvir as mulheres de modo que alcançassem alguns direitos sem desestruturar o modelo burguês de família. Houve, assim, dificuldade em aceitar que a dominação da mulher fosse distinta do problema da dominação de classe.

Nessa direção, Margareth Rago chama a atenção para a resistência de uma das mais importantes líderes e intelectuais anarquistas brasileiras, Luci Fabbri, em relação ao feminismo. Para Fabbri, a mulher possuía dotes particulares para gerir a família. Inclusive, em 1933, já afirmava que a mulher, por administrar o lar, estar em contato com a gestão interna da família, estava mais em contato com a realidade do que os homens. A autora comenta, em trecho destacado por Rago:

As mulheres têm algo de seu para dar, algo de gênero, uma experiência única não competitiva: a economia doméstica, em que as crianças têm precedência, em que os velhos estão assistidos porque são velhos, em que cada qual são o que pode e consome o que necessita, isto é a economia doméstica. Nos últimos tempos, tenho pensado que vale a pena ocupar-se do problema da mulher sobretudo nesse sentido (RAGO, 2007, p. 315).

Nessa sequência, pode-se notar que, desde as primeiras décadas do século XX, as reivindicações anarquistas reconhecem a função doméstica da mulher e subordinam a questão sexual à questão social. Se as restrições do gênero se associam ao problema da classe, convém destacar que, também nos romances de Lúcia Miguel Pereira, a autora, teoricamente, investe contra os princípios desse movimento, porém, ao constituir a teia da vida familiar, permite que suas personagens burguesas, como é o caso de Maria Luísa, transitem da virtude ao vício e retornem à virtude. O oposto ocorre com Lola, personagem da mesma obra que, por não ser descendente de uma família nobre, recebe críticas sobre o casamento com um homem de classe superior e sobre seus relacionamentos após a viuvez. Na mesma direção, temos em *Amanhecer*, a protagonista Maria Aparecida que, a nosso ver, não consegue sua realização plena por meio do casamento nos moldes burgueses e do trabalho, porque tais aspirações parecem ser inconcebíveis para uma moça na sua condição.

Na prática de sua escrita de ficção, fica clara a pretensão da autora de trabalhar os pequenos informes da dinâmica do espírito ideológico desse tempo como elemento imanente do texto. Para isso, ressuscita desejos recalcados femininos que vão se agregar ou negar a filosofia desses pensamentos vigentes. Por conseguinte, partilhando com Antonio Candido (2000) a opinião sobre a gênese do texto literário, torna-se imprescindível destacar a correspondência entre a literatura e a vida social, uma vez que cabem na ficção as intencionalidades do criador e é nessa direção que vai o abastecimento dos romances de Lúcia Miguel Pereira. Sustentada pelas contradições e inquietações sociais, a autora põe em destaque a problemática das relações familiares, tematizando as conquistas e os

medos. Como comenta Terry Eagleton (2006), se considerarmos que o tempo histórico, as ideologias, as práticas sociais e a recepção do leitor são fundamentais para engendrar o texto, vê-se que a definição de conceitos e a interpretação se submetem ao modo da leitura e à natureza do lido, por isso, pelo olhar atento e provocador de Lúcia Miguel Pereira sobre a condição da mulher, notamos uma perspectiva ora de teor feminino, ora de teor feminista.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; 2000; Publifolha, 2000.

CARDOSO, Patrícia da Silva. Os nomes e o nome da mulher (Posfácio). *In*: PEREIRA, Lúcia Miguel. **Ficção reunida**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. p. 497-507.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], ano 6, n. 1, p. 7-31, 1993.

PEREIRA, Lúcia Miguel. O perigo do Feminismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, 1933.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. **Revista Anhembi**, São Paulo, v. 17, n. 49, dez. 1954.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Ficção reunida**. Curitiba: UFPR, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção história do povo brasileiro).

PINTO, Cristina Ferreira. **O bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RAGO, Margareth. **Anarquismo e feminismo no Brasil**: audácia de sonhar. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. Lúcia Miguel Pereira: do conservadorismo ao liberalismo. *In*: RAMALHO, Christina (org.). **Literatura e feminismo**. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999. p. 73-84.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.